# AIMPRENSA

# REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

Director Litterario — Affonso Vargas

### ASSIGNATURA

# 

### Publicação quinzenal

N.º 13 Abril de 1886

### EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor, Brito Nogueira, rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

### O NOSSO RENASCIMENTO

### XII

### QUESTÕES DE ENSINO

Fallámos da mulher portugueza no numero passado, e continuaremos hoje, concluindo de vez as nossas considerações sobre este ponto e sobre a nossa instrucção em geral.

Demais nos teremos alongado, e quem sabe quantos abrimentos de bôca não provocámos já, mercê, não do assumpto, dos mais curiosos e interessantes, mas da nossa penna, que não tem, infelizmente, as scintillações douradas de um estylo bordado de recamos e enaltecido de primores.

Reatemos, porém.

Dissemos que a mulher portugueza não conhece milhares de elementos que poderiam enriquecer a a sua educação artistica, a sua educação profissional, a sua educação caseira; e afigura-se-nos que não falseiamos a verdade.

Não fallâmos, é claro, da educação feminina das altas classes: essa é, em geral, cuidada, e a muitos respeitos primorosa, não nos envergonhando mesmo de o dizer que ahi, em geral, as senhoras são superiores aos homens, não só na sua educação moral, o que não causaria pasmo, mas na sua cultura litteraria e esthetica; e se, porventura, mostram inferioridade a alguns no ponto de vista scientifico, essa inferioridade não é tão grande que não se encontrem cada vez com mais abundancia, senhoras sabendo a botanica, sabendo a physica, sabendo a chimica, sabendo a physiologia, ou pelo menos conhecendo d'estas sciencias o indispensavel para não serem encontradas em terreno estranho, quando defronte d'ellas se esflorem esses assumptos, ou quando precisem de applicar qualquer das suas leis, isto, afóra o conhecimento das varias linguas em que na sua maioria nos excedem, e o cultivo, verdadeiramente apaixonado em tantas, de um ou outro ramo da arte, a esculptura, a pintura, a musica...

N'uma palavra, ahi, como nas classes a quem a abundancia de meios permitte as despezas de uma instrucção variada, são vulgares, nas senhoras, as noções, ao menos, de muitas sciencias, que mesmo nem todos os homens profundam.

Algumas, porém, têem mesmo mais do que simples noções geraes, têem a superior intuição do espirito, que tudo adivinha e tudo entende, e muitas possuem ainda a replica mordente e viva, a ironia delicada e fina, um bello estylo, e, em varios assumptos, pontos de vista originaes e justos.

Mas... são a minoria, minoria realmente superior, bem superior a nós, como já o dissemos, apanhando por vezes em flagrante delicto de ignorancia mais do que um pretendido sabio; não influenciando, porém, a incalculavel massa da ignorancia das outras.

De accordo que algumas d'entre estas ultimas, têem, pelas condições especiaes em que as suas faculdades começaram a abrir, uma certa experiencia pratica, um conhecimento exacto da vida e das suas leis e exigencias, que as primeiras nem sempre têem; acrescente-se que muitas possuem um talento tão fresco e tão malleavel, que, se fosse aproveitado, poderia produzir immenso; mas a ignorancia, a miseria, ou, pelo menos, as difficuldades da pobreza, manietam-n'as, annullam-n'as, inutilisam-n'as, e o resultado é uma cruel depressão intellectual e physica, alastrando, alastrando sempre. E quanto mais se descer no thermometro social, mais a vista se conturba com os aspectos tristes que se lhe vão deparando, até se chegar emfim a esse medonho cyclo onde todas as miserias, todas as enfermidades, e todas as degradacões moraes e physicas se consociaram n'um amplexo de morte, capaz de enregelar o sangue ao mais robusto organismo.

Esse cyclo, que Dante não previu, inspiraria a mais palpitante, a mais sentida e a mais tragica epopéa que porventura seria capaz de escrever uma penna humana. Ahi nunca chegou a luz, a boa luz amiga, que parece ter nascido para todos, menos para os desgraçados que lá se debatem, nem mesmo essa outra luz consoladora e doce da caridade e do ensino, este pão do espirito.

Pois bem: desça a sociedade lá abaixo, e leve por lanterna a sciencia, que verá como o sorriso desponta na sua franca alegria crystallina; desça, e desbrave, e regenere e redima, que lá ha de surgir emfim um pedaço do azul immaculado e meigo na alma reconhecida de milhares de existencias...

Sobretudo eduque, formando o coração para o amor, alem de abrir o espirito para o saber, e verá que tem muito terreno a arrotear.

Se quizessemos lardear este artigo de numeros palpariamos o tremendo deficit de instrucção feminina provado pelos algarismos, isto embora se tenha feito muito; mas não julgâmos necessario, basta saber-se que se nas proprias espheras superiores muitos apontariam n'alguns casos lacunas susceptiveis de serem preenchidas, precisando sel-o mesmo, d'ahi para baixo ellas são tantas e tão eloquentes que não exigem demonstração.

È todavia se houve epocha em que fosse inilludivel e fatal a urgencia de instruir e de educar, em nenhuma como esta tanto ella se fez sentir.

Chegámos a um periodo cruelmente doentio em que a consciencia, tendo perdido a fé nas antigas verdades reveladas, que eram uma força, abroquelando as sociedades para os seus combates com a incerteza e com o desespero, não sabe ainda, nunca o saberá talvez, -- como nortear-se, e em vão olha, a ver onde surgirá o sol do dia novo; em que as religiões, ainda as de mais generosos e alevantados in-tuitos, parece terem perdido a hegemonia do mundo, em que a sciencia, demasiado abstracta e complexa ainda para o reger, não influe senão em um pequeno e circumscripto scol de espiritos, e em que finalmente a falta de uma lei moral superior que congregue em volta de si as multidões, que as alente, que as elucide e que as fortifique, tão baixo faz descer o nivel social, levando na onda milhares de corações desanimados e de consciencias desilludidas...

N'este descalabro enorme a mulher poderia talvez ser a doce guiadora crente, capaz de salvar a humanidade do abysmo, e era bem possivel que as suas mãos, embora delicadas e frageis, lograssem suster na sua carreira desenfreada e voraz tantas almas debeis que a fatalidade arrasta; mas para isso fora preciso que primeiro lhe dessem a ella, desprotegida e ignorante, a força que revigora, e a claridade que illumina; fôra preciso que ao mesmo tempo a fizessem a santa companheira da vida e a dedicada formadora dos corações, que finalmente a considerassem alem do sublime vaso de eleição onde se encerra o eterno amor, o supremo apostolo inspirado que nos pré-

gasse o verbo da eterna paz.

Então sim, ella por sua vez actuaria em nós, pelos seus carinhos, pela sua palavra, pela sua energia e pela sua bondade, e sendo forte far-nos-ia resolutos, sendo generosa far-nos-ía bons, sendo instruida farnos-ía invenciveis.

Mas tal não succede, por isso os resultados são

os que vemos.

Não afrouxemos, porém, os que ainda temos crencas, e pelo menos façâmos a propaganda da insistencia em certos assumptos, pedindo ás que estão mais alto collocadas não só que completem ellas proprias a sua educação, mas que combatam as preoccupações exageradas da elegancia e da moda, que parece serem as unicas cousas que absorvem muitas das suas iguaes, e emfim que nos ajudem n'esta cruzada civilisadora e digna da diffusão do ensino, especialmente do ensino profissional, onde a mulher pobre portugueza podesse ir encontrar, alem da salvação propria, as fecundas alegrias do trabalho, representando para ella a independencia e a emancipação da miseria.

Que mais bella e mais civilisadora obra encontram onde cooperarem comnosco? AFFONSO VARGAS.

### UM TORPEDO INTELLIGENTE 1

OS TORPEDOS: NUNES DE CARVALHO E WHITEHEAD

Achando-se todas as fórmas de torpedos, actualmente usadas ou em estudo, comprehendidas nos diversos grupos da classificação que acabâmos de apresentar, e que é devida ao ex. ... sr. Dias Costa, tenente de Engenheria commissionado no ensino da nossa Escola do Exercito, era nosso desejo descrever cada uma das que podem considerar-se typicas d'esses grupos, tor-nando assim mais completos e valiosos estes singelos apontamentos relativos a um assumpto aliás de tão alto interesse e tão grande importancia; porém, attendendo á indole d'estes artigos e ao espaço de que dispomos, limitar-nos-hemos a umas ligeiras indicações sobre os torpedos Nunes de Carvalho e Whitehead, preferidos, para este fim, por serem magnificos exem-plos das duas grandes classes em que os torpedos foram im-mediatamente divididos, e por offerecerem curiosissimas par-ticularidades que, como vamos ver, os fazem, a mais de um

respeito, dignos da nossa attenção.

O torpedo Nunes de Carvalho é electrico, fundeado e de contacto. Destinado á defensa do porto de Lisboa, apresenta uma forma singular, determinada pelo calculo para offerecer uma resistencia minima ás correntes de extraordinaria energia

que se fazem sentir no Tejo. O ex.<sup>mo</sup> sr. Nunes de Carvalho, capitão tenente da Armada commissionado no serviço da nossa Escola de torpedos, reconhecendo ser absolutamente inefficaz o emprego das formas. usuaes, poisque, desviando-se os cabos de amarração sob o impulso das correntes, o angulo d'elles com a vertical attingiria o valor necessario para fazer baixar os torpedos ao ponto de não poderem contactar com os navios, venceu a difficuldade, adoptando a fórma de uma lente biconvexa de grandes curvaturas, susceptivel de conter uma carga de 50 kilogrammas de algodão-polvora, pesado secco. Esta fórma, que representa o re-sultado da combinação de duas calotes esphericas, foi indicada pelo calculo como sendo a que oppõe menor obstaculo á agua corrente. Como, porém, a resistencia do meio não pode tornar-se absolutamente nulla, lembrou modificar o pé de gallinha que liga o torpedo ao cabo de amarração (preso inferiormente a uma ancora de cogumello), tornando uma das suas pernas mais curta do que as outras duas, iguaes entre si.

D'este modo se obtem que, suppondo a agua estagnada, o equador do torpedo apresente uma certa inclinação em relaão ao horisonte. Se, imaginando agora o caso da agua corrente, ao meridiano do ponto mais alto da circumferencia d'esse equador, isto é, do ponto diametralmente opposto áquelle por que se prende a perna mais curta do pé de gallinha, fixarmos um leme, conseguiremos manter constantemente na direcção da corrente o diametro que constitue a linha de maior declive do plano do equador; este plano tornar-se-ha horisontal quando o cabo de amarração soffrer o maximo desvio da sua direcção vertical, obedecendo á acção das aguas sobre o torpedo, acção que, como dissemos, não póde ser totalmente aniquilada. E, d'esta fórma, devéras simples e muitissimo pratica, o torpedo conserva a altura conveniente a despeito da grande força das

correntes.

Estudada, embora muito summariamente, uma das mais notaveis fórmas que os torpedos defensivos podem affectar, pas-saremos a descrever o torpedo Whitehead que se apresenta, entre os offensivos, como um dos mais engenhosos, e porven-

tura offerecendo as condições mais satisfactorias.

Ha differentes modelos de torpedos Whitehead, ou torpedos-peixes, distinguindo-se apenas pelo comprimento, pelo peso, pelo numero de helices, etc. Todos se caracterisam, porém, pela possibilidade de navegarem dentro de agua, automaticamente e com grande velocidade, conservando-se, por effeito de um regulador de immersão, na profundidade que se deseja, e que previamente se regula. Munidos de dois lemes, um horisontal e outro vertical, e de um motor de ar comprimido, cuja pressão se regula tambem antecipadamente para dar a veloci-dade que se pretende, são lançados da praia ou dos navios, por meio de um tubo, que se aponta como se fôra uma peça. O torpedo, movendo-se no tubo, encontra um dente que

lhe destrava o motor. Desde então, adquire movimento proprio, desce á profundidade para que foi regulado, e segue horisontal-

<sup>1</sup> Vide n.68 q e 11.

mente n'uma direcçao parallela áquella com que saíu do tubo.

Este não é indispensavel

Considerando, para fixar idéas, o modelo de 1877, adoptado entre nós, imaginemos um corpo alongado, de 4º40 de comprimento, cylindrico na parte média, onde apresenta o diametro maximo de 0º36, e terminando de um e outro lado em ponta proximamente conica. O corpo do torpedo é dividido em

A primeira, de forma conica, admitte 25 kilogrammas de al-godão-polvora humido, e contém, no vertice, um mechanismo de percussão com a sensibilidade regulada de modo a evitar explosões prematuras, devidas ao encontro de um obstaculo pouco importante, como uma prancha, um cabo, etc.

Segue uma camara tronco-conica que contém o regulador

de immersão, destinado a manter o torpedo horisontal e a conserval-o sensivelmente á mesma profundidade.

O primeiro effeito consegue-se facilmente empregando uma peça de um certo peso, podendo oscillar em torno de um ponto, de modo a ficur sempre vertical a linha que une esse ponto com o centro de gravidade da peça. Esta, quando o torpedo se desvia da posição horisontal, move-se n'um sentido ou n'outro, e, por meio de uma alavanca articulada, transmitte o seu movimento a uma haste que, manobrando o leme

horisontal, restitue o torpedo á posição primitiva. Para tornar sensivelmente invariavel a profundidade em que elle deve navegar, recorre-se á influencia que essa profundidade tem no valor da pressão da agua sobre os corpos immersos. Aproveitando a variação das pressões hydrostaticas para mover o leme horisontal, consegue-se que o torpedo volte á primitiva distancia da superficie das aguas, se, depois de a ter attingido, tender a abandonal-a. Ora, sendo o seu movimento muito veloz é necessario um esforço consideravel para deslocar o leme, esforço que a simples differença de pressões não póde produzir immediatamente. Por isso existe, no compartimento que contém o mechanismo de propulsão, um cy-lindro especial onde a haste do leme recebe uma tracção ou uma impulsão quando, no interior do cylindro, se expande uma porção de ar que, comprimido a uma alta pressão, penetra por um lado ou por outro, conforme o sentido do movimento da valvula que lhe dá passagem. Esta valvula está, para isso, ligada a uma alavanca susceptivel de deslocar-se sob a influencia muito pouco notavel das pulsações de uma mem-brana, convenientemente disposta para receber a pressão da agua, e, portanto, tendida n'um grau variavel com essa pressão. D'este modo, o torpedo, fazendo pequenas oscillações, não se afasta mais de o",40 da profundidade em que deve seguir. Esta combinação, em extremo engenhosa, constitue a parte mais interessante do torpedo Whitehead.

A terceira parte do torpedo é um compartimento de fórma cylindrica, podendo conter 10 a 11 kilogrammas de ar compri-mido a 70 atmospheras, e destinado a pór em movimento uma machina Brotherhood de tres cylindros oscillantes, que permitte dar ao helice uma velocidade de 15 voltas por segundo. Por meio de um regulador, collocado entre o reservatorio e a machina, consegue-se que o ar actue com uma força muito inferior a 70 atmospheras, e que o helice tenha movimento uni-forme; sem o emprego do regulador, a provisão de ar dimi-nuiria rapidamente, e com ella a pressão no reservatorio e a velocidade do helice. A pressão média póde regular-se de maneira a permittir o consumo do ar em maior ou menor espaço de tempo, tornando-se então menor ou maior o percurso do torpedo, com uma velocidade e precisão respectivamente

maiores ou menores.

Segue um compartimento que contém: a machina, um regulador do trajecto a percorrer, e um lastro de chumbo. Por um mechanismo de rodas dentadas disposto na arvore da machina e perto do balica concamo a como de co e perto do helice, consegue-se que, chegado o torpedo ao fim de um percurso de antemão fixado, se feche a valvula de admissão do ar comprimido. Então, o torpedo, tendo um peso específico inferior ao da agua, vem á superficie, se se trata de experiencias, ao mesmo tempo que um apparelho de segu-rança trava a espoleta. Se, em caso de guerra, o torpedo, dirigido contra um navio nimigo, corre o risco de chegar ao fim do seu trajecto sem encontrar o alvo, as cousas disao fim do seu trajecto sem encontrar o alvo, as cousas dis-põem-se de modo a coincidir com a paragem da machina a abertura de uma valvula que, permittindo a entrada da agua,

faça afundar o torpedo. Vem finalmente a cauda que sustenta o helice e os lemes. Estes são dois, dos quaes já conhecemos o horisontal; o outro, vertical, é fixo e destina-se a conservar o torpedo n'uma direcção rectilinea que não diffira sensivelmente da primitiva.

Exteriormente ao torpedo, ha principalmente a notar, alem dos lemes e do helice: umas alavancas conhecidas pela pittoresca designação de bigodes, e destinadas a assegurar o funccionamento da espoleta mesmo no caso da incidencia do torpedo sobre o objecto a destruir não se fazer normalmente; duas barbatanas verticaes que têem por fim conservar ao torpedo a posição primitiva do seu plano medio vertical; a alavanca que destrava o motor no acto do lançamento; e umas eças salientes horisontaes que dirigem o torpedo nos tubos de lançamento.

Dada esta breve noticia sobre o torpedo Whitehead, tão notavel a todos os respeitos, e sobre o torpedo Nunes de Carvalho, exclusivamente nosso, ambos, especialmente o segundo, muito pouco conhecidos, passâmos a relatar alguns factos da historia militar dos torpedos.

JAYDAC.

## ESTUDOS SOCIAES

Nos numeros passados d'este jornal, demonstrei que a philantropia, manifestando-se por instituições de previdencia, é um meio efficaz de combater o crime, o vicio e a miseria. No presente numero desejo dizer alguma cousa sobre o ensino no nosso

O illustre professor da escola polytechnica, o sr. José Julio Rodrigues, n'uma das suas notaveis conferencias do salão da Trindade, disse que «os analphabetos são os escravos de hoje. Se não temos a escravidão d'outros tempos, temos a escravidão da ignorancia; e um paiz composto na sua maior parte de analphabetos, é um paiz necessariamente improductivo, e que não póde. por isso, ter logar seguro no moderno convivio das nações cultas, entre as que mais se distinguem e impõem pelo seu valor

intrinseco e real».

Estas justissimas palavras do illustre professor são, alem d'um quadro fiel da nossa sociedade, um desmentido formal ás palavras d'um estadista que actualmente se senta nas cadeiras do poder, o qual, nos ardores da pugna em que andava empenhado quando se discutiu a reforma de instrucção secundaria, em 1880, affirmou que a instrucção não era para os pobres; é ainda um desmentido formal á opinião d'aquelles que pretendem que as tradições historicas são o baluarte inexpugnavel da nossa independencia. Isto é o producto de espiritos demasiadamente affectos ao passado, e que, embevecidos na sua contemplação, esquecem as brilhantes conquistas do seculo. Não se lembram de que as sociedades obedecem, como os individuos, á lucta pela existencia, e que, sustidas na sua marcha evolutiva, a absorpção pelas outras é a sua consequencia ne-

As condições para a independencia d'um povo não são sómente as tradições historicas; o requisito principal é o trabalho competentemente dirigido por

uma solida educação.

« Nas sociedades modernas só tem direito ao nome de homem o que trabalha» dizia um notavel philosopho francez.

Isto é perfeitamente applicavel a um povo. Um paiz que não sabe tirar das proprias forças os recursos de que necessita, é um paiz perdido. Todos dizem que Portugal é possuidor de enor-

mes riquezas naturaes, e, todavia, é um paiz realmente pobre. Muitos dos seus filhos expõem-se a todos os perigos da emigração, encontrando, a maior parte das vezes, uma morte prematura no logar em que vão procurar o pão que na patria lhes falta. E porque?

Porque falta o ensino.

Nós que pela nossa industria e agricultura podiamos ser ricos, somos pobres porque somos ignorantes. Temos em casa abundantissimas riquezas mas não sabemos fazer uso d'ellas. Para este grande mal ha só um grande remedio: Ensino geral e profissional. Para se avaliar bem o estado da instrucção publica em Portugal apresentâmos o que o illustre professor José Julio Rodrigues disse na sua conferencia, para mim a mais notavel de todas, que intitulou: Coisas portuguezas.

«Em 100 portuguezes de edade superior a 10 an-

nos ha apenas 23 que sabem ler.

«E comparando o que se passa em Portugal com o que se passa em outras nações, chegâmos a esta estatistica.

«Alumnos primarios por 1:000 habitantes nas diversas nacões da Europa:

	157
	146
	135
	134
	133
	126
	123
	100
Rumelia Oriental	
Italia	74 73 66
Bulgaria	66
Grecia	50
Portugal	48

«A Russia dá 23, a Romania e a Servia 22 alumnos, apenas, por cada 1:000 habitantes das suas res-

pectivas populações.

«Estamos, pois, abaixo do nivel intellectual popular de todas as nações da Europa, não fallando na Russia, na Romania e na Servia, - na Russia cuja baixa percentagem pouco significa para o nosso atrazo, sendo-nos por outro lado mediocre consolação a inferioridade da Servia e da Romania.

«A Russia é um paiz colossal, com 90 milhões de habitantes, distribuidos por uma grande parte do mundo conhecido, nação heterogenea e, em parte, barbara, imperfeito amalgama de povos diversos, de civilisações desconnexas, e, no emtanto, nas suas classes superiores, muito mais adeantada do que nós.»

O que ahi fica dito é uma tristissima verdade. Do nosso atrazo, resultam todos os males que nos affligem. Para os remediar não devemos contar só com os governos, porque é no que elles menos pensam. A iniciativa particular deve ter aqui logar proeminente. Que todos os cidadãos se aggremiem, e com uma pequena quota poderão apparecer as escolas que mudem completamente, e não em prazo muito longo, o modo de ser da sociedade portugueza.

Concluindo, direi que se a philantropia se manifestar não pela esmola que degrada e avilta, mas pela fundação de escolas e outros institutos de previdencia, se a instrucção elementar se tornar effectivamente obrigatoria, o nosso paiz ha de readquirir o prestigio d'outros tempos mais felizes. F. E. LOUBENÇO LEÃO.

### **CHRISTO**

Não cabe nos limites de um artigo esboçar sequer a figura immaculada e suave d'esse divino missionario da Bondade e do Amor, d'esse dulcissimo poeta que insculpiu em carmes immorredouros a boa nova da fraternidade humana.

Antes d'elle sabios tinham vindo, que haviam querido cate-

chisar as gentes, prophetas appareceram, trovejando em nome da justica e da verdade, e finalmente philosophos, presos nas azas de oiro das subtilidades metaphysicas, tentaram doutrinar o mundo, mas eram seccos, pesados, indigestos e incomprehensiveis, ou então não tinham o segredo de saberem per uadir, fazendo-se amar; surge, porém, esse estranho poeta da Gallilea, começa prégando em versículos de luz a divina lei da graça, e para logo os tyrannos tremem, os desgraçados respiram, e os bons exultam.

Almas simples e confiantes, abrem-se na unanimidade da crença ao influxo d'essa palavra colorida e melliflua, que vinha fallar-lhes na ridentissima aurora de um dia novo, e como flores que erguem para a luz as petalas trementes e delicadas, ellas erguem para o azul illimitado e vago um sereno olhar reconhecido, onde pela primeira vez se vê uma scentelha de esperança. E foi assim que o nazareno revolucionou as turbas, fallando em perdão e em amor, espargindo a sympathia e a concordia, contando na sublime linguagem dos poetas a infinita grandeza da consciencia humana e os inimitaveis hossanas da natureza viva.

Quem não havia, pois, de amal-o, se elle era um bom, um doce, um casto sonhador, sabendo dizer bellas cousas em ain-

da mais bellas palavras?

Quem não havia de amal-o, se elle chamava para si os pequeninos, se trazia uma consolação e um conforto a cada des-graçado, se tinha um sorriso de ineffavel ternura para todas as fraquezas, e um doce olhar de esquecimento para todos os peccadores?

Por isso as duas mais sympathicas irradiações da natureza, as creanças e as mulheres, eram por elle, por isso a enorme legião dos infelizes era por elle, por isso, emfim, eram por elle,

todos os que soffriam e todos os que amavam.

Que importava, portanto, que os sabios e os doutores se rissem d'elle, se haviam de passar e elle havia de vencer pelo coração e pela consciencia? É venceu, e a humanidade, herdeira hoje da mais sublime e da mais pura moral que ainda se formulou no mundo, vê no typo immaculado e augusto d'esse divino propheta da igualdade e da fraternidade humanas, a crystallisação bemdita das suas eternas aspirações para a verdade e para a justica, e o espirito de todos nos, crentes ou não, sauda n'esse sublime revolucionario da palavra o precursor ousado que dictou á intelligencia a sua marcha ascendente e gloriosa na escaleira enorme da civilisação e do progresso.

Bemaventurados os que assim amaram e creram, que será para elles eterna a luz da apotheose e immarcescivel a gratidão que aqui se deve a quantos tornaram o mundo melhor e a hu-

manidade mais bella!

A esse bello escrineo Historia de Jesus para as creancinhas lerem, arrancâmos hoje esta perola que aqui engastâmos, esperando desde já que Gomes Leal nos desculpe este roubo.

### O ULTIMO GOLPE DE LANÇA

Quando elle emfim morrendo, elle, o cordeiro, rola mansa no ar calado e immundo, pendeu, bem como um lyrio moribundo, sobre a haste do tragico madeiro . . .

quando lançando o espirito profundo ao reino bello, grande, verdadeiro, caíu emfim chagado, justiceiro, ainda, ainda perdoando ao mundo...

um soldado romano vendo-o exposto, e já morto na cruz, livido o rosto, com um golpe de lança o trespassou.

Saíu d'aquella chaga sangue e agua: -Sangue que inda quiz dar a tanta magua. - Agua de pranto ainda que chorou! GOMES LEAL.



CHRISTO DE LUINI

# A RIQUEZA E A MISERIA NA GRAN-BRETANHA

II

Até certo tempo as duas profissões de ourives e banqueiro andaram reunidas, ou antes identificadas, mas as exigencias do progresso e o maior desenvolvimento das operações commerciaes, deviam fatalmente separal-as. Pouco depois da restauração fundava-se em Londres a primeira casa bancaria, de que era proprietario Francis Child; algumas outras foram depois apparecendo, e em 1665 instituia-se o bank of credit para auxiliar o commercio e a industria; mas os seus resultados, forçoso é dizel-o, não-corresponderam por então á espectativa.

A fundação do banco de Inglaterra, decretado por carta regia de 27 de julho de 1694, levantou a mais viva opposição da parte dos banqueiros, dos ourives e de toda a cafila de usurarios que exercia em maior ou menor escala o commercio do dinheiro, os quaes receiavam a concorrencia, e previam o damno que lhes adviria de similhante instituição, que lhe ja ata-

car directamente os seus interesses.

Muito se tem escripto na actualidade ácerca da maravilhosa organisação do banco de Inglaterra, da facilidade com que funcciona todo o seu mechanismo, e da maneira por que é administrado e que o torna sem contestação o primeiro estabelecimento bancario do mundo. Mas nos primeiros tempos a sua organisação era muitissimo diversa, e foram quasi insuperaveis as difficuldades com que teve de luctar. Comtudo, por muito restrictas que fossem a principio as suas transacções, o banco de Inglaterra não deixou, todavia, de exercer desde a sua origem uma benefica influencia sobre o commercio e sobre a politica do paiz. Fez baixar a taxa do juro, augmentou a circulação dos valores, e, sobretudo, arrancou a nação das garras da usura. É sob este ponto de vista principalmente que a creação do banco de Inglaterra deve ser considerada como um facto de grande importancia social.

Foi Carlos II o primeiro monarcha inglez que se aproveitou das vantagens que proporcionava a moderna instituição, contrahindo um emprestimo avultado, que nem sequer amortisou, e que mais tarde Guilherme III ordenava fosse considerado como divida da nação. É, pois, do reinado de Carlos II que data verdadeiramente a divida publica nacional, que, augmentando constante e progressivamente, foi mais que duplicada no principio d este seculo, em consequencia dos esforços gigantescos feitos pela Inglaterra para se oppor aos projectos ambiciosos de Napo-

leão.

E no banco de Inglaterra que estão depositadas as fortunas de milhares de familias, que representam a força, a vida e a riqueza da opulenta nação britannica. É ali que os descendentes dos antigos ourives e dos primitivos banqueiros, bem como os successores de alguns arrojados aventureiros, que conseguiram enriquecer no Canadá, na India ou na Australia vão depositar os seus valiosos capitaes, que não têem applicação immediata nas multiplices e variadas especulações a que hoje se dedicam. O banco de Inglaterra é, pois, o grande receptaculo para onde de-

riva em torrente caudal o oiro que os inglezes têem sabido explorar nas cinco partes do mundo.

Eis, em resumo, a historia descriptiva da riqueza propriamente argentaria, isto é, adquirida nas expeculações em que entra como factor simplesmente o dinheiro; tentaremos agora descrever outra especie de riqueza—a da propriedade territorial.

Em Inglaterra a historia da propriedade serve, melhor que em paiz algum, para esclarecer a historia politica. Com effeito, á medida que a propriedade se foi concentrando, o poder, como consequencia natural, tornou-se o apanagio exclusivo d'aquelles que

possuiam o solo e a riqueza.

Quando Guilherme « o conquistador », se apoderou da Gran-Bretanha, os bens dos vencidos foram divididos pelos seus companheiros de armas; a partilha, porém, foi feita com tal regularidade e tão legalmente como não ha exemplo em nenhuma outra conquista. Essa espoliação, consignada no *Doomsday-book*, é ainda actualmente o ponto de partida de quasi todos

os titulos de propriedade.

Para comprovarmos bem claramente a desigualdade com que está dividido o solo bastará fazer um simples confronto com a França. N'esta ultima a propriedade rural é partilhada por cinco milhões de proprietarios, emquanto que em Inglaterra um terço da propriedade e do seu rendimento estão concentrados apenas nas mãos de dois mil possuidores todos descendentes da velha aristocracia! — O pequeno proprietario, póde-se affirmar, desappareceu quasi absolutamente. A população do campo, na maior parte, tem refluido para os grandes centros industriaes, e não se compõe na actualidade senão de trabalhadores agricolas e de pequenos rendeiros, os quaes estão á mercê dos proprietarios, que podem despedil-os ou expulsal-os a seu bel-prazer, o que de resto acontece frequentes vezes. E na propriedade territorial que reside de facto o verdadeiro principio do poder e do governo. O proprietario mais rico de um condado é de ordinario lord-lieutenant. Os mais ricos depois d'elle são juizes de paz, isto é, são quasi exclusivamente os unicos magistrados administrativos e judiciaes representantes da auctoridade publica. Estes cargos são exercidos gratuitamente, de que resulta sem duvida grande economia para o estado, mas que tem o inconveniente de concentrar nas mãos de uma só classe todo o poder e todas as influencias de que dispõe o alto funccionalismo.

À riqueza é em Inglaterra o ponto de partida para todos os graus da hierarchia governamental. N'este paiz, para governar a fortuna publica é indispensavel ser accionista d'essa fortuna—e grande accionista. O seguinte facto caracterisa bem o modo de pensar dos inglezes ácerca do apreço em que elles têem o capital: —Quando se falla de um estrangeiro, ou de qualquer pessoa desconhecida, o inglez pergunta logo: How much is he worth? (Quanto vale elle?), Se o individuo de que se trata é rico a resposta será «vale tantas mil libras de renda»; mas no caso contrario a resposta é simplesmente a palavra nobody (ninguem, isto é, não vale nada). — Esta pergunta e as duas respostas, dispensam bem quaesquer commentarios, pois são por si só bastante eloquentes para definir o caracter d'esta nação.

PEDRO FREITAS.

### AS INDUSTRIAS DO LIVRO

A producção de papel em França excede a 178:885 tonela-das de 1:000 kilogrammas, com o valor de 21:750 contos de réis (numeros redondos), e occupa, em 516 fabricas, 33:371 operarios (17:816 homens, 11:396 mulheres, e 3:589 menores). A Inglaterra, que em 1588 fabricava apenas papel ordinario de embrulho, e comprava todo o mais de que carecia em França, possue actualmente cérca de mil fabricas, produzindo mais de 200:000 toneladas

mais de 200:000 toneladas

Em 1690 fundou-se em Philadelphia a primeira fabrica americana, e os Estados Unidos, que no começo do presente se-culo quasi que não produziam papel, fabricam actualmente mais de 500:000 toneladas!

mais de 300:000 tonciauas:

A industria da papelaria consome 800:000 tonciadas de trapo por anno. O papel inutilisado (aparas, etc.), a palha, a madeira, as cordas velhas, que emprega nas suas massas elevam-se a um peso proximamente igual.

Gasta esta industria, na Europa e na America, uns 90:000

contos de réis em materias primas; a saber:

Trapo....

Palha, madeira, etc. 3:600 contos de reis
Papel inutilisado, esparto, etc. 18:000 contos de reis
Papel inutilisado, esparto, etc. 18:000 contos de reis
O emprego de todas estas materias primas produz cêrca de
1.500:000 toneladas de papel, sendo o preço do custo 180:000
contos de reis, precisamente o capital empregado nos edificios
o machinismos de industria do apod estratos as Espara e machinismos da industria do papel existentes na Europa e nos Estados Unidos

Da producção indicada, 120:000 toneladas são de papel para escrever; 300:000 toneladas destinam-se a publicações periodicas; 80:000, toneladas a diversas obras e escriptos; 120:000 toneladas a serviços de administração e do commercio.

Comprehendendo a tinta de imprimir, as tres categorias de papel para impressão, attingem o valor total de 313:200 contos

Calcula-se em 60:000 toneladas, approximadamente, a producção de cartão e papelão, em 60:000 toneladas a de papel para forrar casas, e em outras 60:000 a dos papeis de diversas qualidades, como mata borrão, de seda, de filtrar, etc., tudo no valor de 108:000 contos de réis.

Para aproveitar tanto papel gastam-se annualmente: 3:600 contos de réis de pennas metallicas, as quaes em média custam nas fabricas, 108 réis cada groza (144 pennas); somma igual em typos; 200 milhões de lapis, que custam, em média, 720 réis a groza; além d'isto são precisos 2 kilogrammas de tinta para imprimir 100 kilogrammas de papel, e mais de 3 milhões de chapas gravadas ou clichés são annualmente empregadas em illustrações. (Mouvement industriel)

### (DA VILLEGGIATURA)

Quando t'espero um bocado Entro logo a conversar Com as flores que ha no prado E as aves que andam no ar.

Lyrios me contam segredos, Dhalias me fallam de ti, Na sombra dos arvoredos Um raio de luz sorri.

Mas eu perco a paciencia De t'esperar, por men mal, Que tu possues a sciencia De nunca ser pontual.

E ao cabo de meia hora Deixo a cabeça pender, Scismando n'essa demora Que tanto me faz soffrer.

Calam-se os lyrios discretos, As dhalias não dizem mais, E os passarinhos quietos Vão-se esconder nos pinhaes.

Quando o semblante m'aclara Por te ver da estrada ao fim, O sol vem rir-me na cara E os melros troçam de mim.

CYRILLO MACHADO.

### BIOGRAPHIA DE JOÃO GUTENBERG

POR LAMARTINE

### XXI

Assim viveu e morreu este homem eminente; mas a sua arte não morreu com elle. A typographia propagou-se pouco depois com a instantaneidade de uma explosão. Em todas as capitaes da Europa se estabeleceram imprensas. Foi a epocha da civilisação renascente e indefinida. A França, no reinado de Luiz XI, a Inglaterra, a Hollanda, a Allemanha, Veneza, Genova, Roma e a Polonia se apossaram como á porfia d'esta recente invenção para multiplicar os seus livros sagrados e profanos.

O Oriente conheceu esta nova arte pelos judeus refugiados em Constantinopla, que imprimiram os tratados de Litteratura rabinica em 1500. Mas os mussulmanos só se serviram d'ella proximamente ao seculo xvIII. Emfim a Russia, sob a inspecção do metropolitano, estabeleceu uma imprensa em Moscou, em 1580, com os operarios vindos de Magdeburgo.

### XXII

Parece que cada progresso da humanidade se deve alcançar á custa de lagrimas; que o soffrimento ha de ser sempre a lei fatal de todas as grandes iniciativas. A imprensa teve seus apostolos, mas teve igualmente seus martyres. De todos, Estevão Dolet foi o mais illustre pelo seu famoso talento, pela pureza de sua vida, pela atrocidade de seu supplicio.

Nasceu em Lyão, em 1509, epocha da renascença intellectual e litteraria em que as controversias religiosas íam tambem começar as primeiras luctas.

Dolet era sabio, como Guilherme Budé, poeta como Marot, e talvez tão philosopho como Rabelais, sem juntar, comtudo, á sua philosophia o licencioso scepticismo do vigario de Meudon. O que se poderia crer é que este homem, altamente imaginoso e arrebatado, que não mercadejava as suas opiniões, que havia tomado por armas eloquentes e por symbolo da acção da imprensa uma acha ou um machado atacando uma arvore nodosa, protestava contra as doutrinas de Luthero, bem que o tivessem condemnado como atheu. Era, ao que parece, o raciocinio e o homem que os seus adversarios queriam ferir n'elle, mais ainda que as suas crenças.

N'estes tempos de paixões e costumes violentos, a vida dos que consagravam suas forças ao desenvolvimento da intelligencia humana era um continuo duello, no qual, tarde ou cedo, era forcoso succumbir.

Estudante successivamente em Paris, depois em Padua, secretario de João de Lauzeac, embaixador de França em Veneza, estudante em direito na faculdade de Tolosa, Estevão Dolet não tinha ainda vinte e quatro annos, e já, por ultimo argumento das discussões de seus inimigos, estes o lançaram n'uma prisão, onde, porém, se demorou pouco a pedido de João Pinus, bispo de Rieux. Então assassinos assalariados tentaram contra a sua vida; e como, apesar d'estes perigos, o intrepido mancebo não deixasse Tolosa, foi, emfim, promulgada pelo parlamento uma lei ordenando a sua proscripção (1533).

Dolet voltou então para Lyão, e ahi obteve, após largos e incessantes esforços (1535), um privilegio para imprimir os seus Commentarios sobre a lingua latina, obra de immensa erudição, que o elevou á altura dos Bembos, dos Scaligeros e dos Erasmos, e que lhe deu um logar brilhante no grande torneio que se abriu n'esse tempo na republica litteraria a respeito de Cicero. Veiu perturbar estes bellos estudos uma nova tentativa de assassinato sobre Dolet, que matou corajosamente o seu aggressor. Era pelo menos um pretexto para as animosidades que motivaram a sua perda, chegando a ser preso como assassino. Para saír da prisão, foi preciso nada menos do que a vontade absoluta de Francisco I interessado por Dolet, primeiramente pelo seu raro talento, e ao que parece tambem pela protecção da rainha de Navarra.

A munificencia real, querendo prestar um publico testemunho de homenagem ao seu merito, que servisse conjunctamente de lenitivo a immerecidos soffrimentos, lhe concedeu o privilegio de impressor, o mais amplo privilegio que até então se havia outorgado (1537). Das prensas de Dolet foi que sairam successivamente, depois d'esta epocha, as obras de Marot e de Rabelais; publicava igualmente todos os annos obras suas, e alguns dos livros mais interes-

santes da antiguidade.

Novas perseguições vieram, porém, interromper os seus trabalhos em 1542; vagas accusações de heresia o fizeram estar quinze mezes na cadeia de París. Francisco I já não era moço: a sua protecção ás lettras ia afrouxando. Um bello livro e uma obra de arte não bastavam para proteger um artista a despeito dos seus fanaticos conselheiros. Robert Estevão e Marot deixaram a França.

Seguro de sua consciencia, e sempre aventuroso,

Dolet não os quiz imitar. Ficou.

Em vão o parlamento de Paris fazia ainda queimar os livros, depois de se ver obrigado a soltal-o, em presença da pouca força, por evidente, das infundadas accusações que lhe assacaram. Elle não deixava, porém, a lucta; e o escriptor vingava o livreiro.

Voltando a Lyão, publicou poemas sobre o seu captiveiro, e uma traducção dos Dialogos de Platão. Esta energia veiu por fim a ser-lhe fatal. Em 1544 foi novamente preso. Suspeitoso d'esta vez da parcialidade de seus julgadores, conseguiu fugir, acolhendo-se no Piemonte. Mas o amor pela arte o reconduziu á cilada onde devia caír. Elle havia escripto ao rei epistolas em verso, impetrando a mesma protecção com que o tinha já salvado, não podendo, comtudo, abster-se de vigiar sobre a sua impressão. Entrou a occultas em Lyão, mas os inimigos espreitavam a sua victima. Preso e levado á presença da faculdade theologica de París, viu-se condemnado como atheu relapso, por passagens de seus livros, que elle protestou por tres vezes não ter nunca escripto.

Dolet foi posto primeiramente a tormentos, e veiu a perguntas extraordinarias «por ensinar seus companheiros», como resa a sentença que o condemnou; depois foi enforcado na praça de Maubert, o seu corpo e os seus livros reduzidos a cinzas, e os bens confiscados. Dolet, aos trinta e sete annos, morreu tal como tinha vivido, deixando por sua falta na indigencia a esposa e o filho. Trad. de José Antonio Dias.

### O VELHO LAVRADOR

A José Julio de Carvalho Azevedo

Seis horas da manhã, abriu-se agora Da velha egreja o portico sombrio, Do cimo do alto campanario esguio O sino esparge a vibração sonora.

Seguem moçoilas pelo campo fóra, Esvae-se ao longe o nevoeiro frio, Emquanto a passarada se namora D'entre os salgueiros marginaes do rio.

E elle o pobre lavrador idoso, Espraia o triste olhar amargurado, Matando as maguas n'um trovar saudoso...

É que esse rude velho alquebrantado O filho já não vê laborioso, -Roubou-lh'o a lei para o fazer soldado!-ARTHUR MAGALHÃES.

### NOTAS SOLTAS

A acção para certos homens é tanto mais impraticavel quanto mais forte e o desejo. A desconfiança propria embaraça-os, e o recejo de desagradarem espanta-os; de resto, os affectos profundos parecem-se com as mulheres honestas, que têem medo de ser descobertas e caminham no mundo com os olhos baixos.

A auctoridade é tanto mais duravel quanto menos extensa.

A modestia prejudica as nações. Um povo que não quer decair do seu logar deve mostrar-se altivo da sua origem; pode ser orgulhoso e soberbo sem jactancia ou sem vaidade. Convem que elle testemunhe em todas as occasióes a segurança que lhe dá a fé bebida nas suas proprias forças.

É um sentimento ao mesmo tempo digno e legitimo.

Não sei como é organisada a alma de um scelerado, mas quando analyso a minha, que todavia não é perversa, horro-DE MAISTRE

### EXPEDIENTE

Agradecemos penhoradissimos ao eximio gravador João Pedroso Gomes da Silva, o ter permittido que A Imprensa podesse publicar essa maravilhosa obra prima, o Christo de Luini, onde o illustre professor da academia poz todo o cuidado e amor do seu notabilissimo buril, que tão soberbos trabalhos tem produzido.

Á amabillissima interferencia do nosso distincto collabora-dor Alvaro de Castellóes devemos o poder inserir hoje uns bellos versos do delicado e gracioso poeta o sr. Cyrillo Machado. A ambos agradecemos esse inapreciavel tavor.

Recebemos do intelligente e dedicado director do instituto vaccinico o sr. dr. Alexandre José da Silva Campos um extenso manifesto em que s. ex.ª, com a competencia que o caracterisa, combate a vaccina animal, defendendo a vaccina humana com argumentos de valor incontestavel, comprovado na sua pratica de quarenta annos onde já operou 30:000 pessoas.

Mais de espaço fallaremos sobre este assumpto.

Recebemos e agradecemos os relatorios da Companhia geral de credito predial portuguez.

IMPRENSA NACIONAL